

Apontamentos sobre o conceito de identidade profissional de professores

Camila Alberto Vicente de Oliveira*

Alberto Albuquerque Gomes**

* Mestranda do Programa de Mestrado em Educação da UNESP/Presidente Prudente.

e-mail: Camila_unesp@ig.com.br.

** Professor da UNESP/Presidente Prudente. Pesquisador da Unidade de Investigação e Desenvolvimento, Observatório de Políticas de Educação e de Contextos Educativos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

e-mail: alberto@prudente.unesp.br

Resumo

Refletir sobre a identidade profissional do professor exige que se discuta como um profissional, que em sua história recente tem sido vítima de políticas salariais desastrosas e submetido a condições de trabalho e de formação totalmente inadequadas, pode construir sua identidade. Além disso, tem se exigido do professor, de forma paradoxal, um compromisso com a autoformação, além da formação profissional obtida nos cursos de formação de professores. Considerando que a identidade profissional do professor constrói-se, pelo sentimento de pertença a uma comunidade de professores, pelas práticas sociais dos sujeitos e pela articulação das esferas do conhecimento, das normas e valores profissionais e dos saberes pedagógicos, defendemos que isto passa, necessariamente, pela reconstrução das relações dialógicas entre estas esferas.

Palavras-chave

Identidade; formação de professores.

Abstract

To reflect on a teacher's professional identity requires that we discuss some issues as to how a professional, who in their recent history has been a victim of disastrous salary policies and submitted to inadequate conditions of work and training can construct their identity. Furthermore, it has been demanded from the teachers, paradoxically, a commitment with their own professional education, beyond that acquired in teacher training courses. We consider that the teacher's professional identity is built on the feeling of belonging to a community of teachers, by the social practices of these people and by the articulation of knowledge spheres, by the professional norms and values and by pedagogical knowledge. We defend that all these things receive influences from the reconstruction of the dialogical relations of these spheres mentioned.

Key words

Identity, teacher training.

O desenvolvimento do autoconhecimento não significa a prática de um exercício isolado. A auto-

exploração, assim como toda autonomia, é um processo de busca, compreensão e construção pessoal no contexto das relações.

José Contreras

Introdução

A cultura do sucesso e do fracasso escolar têm sido, há algumas décadas, o foco central e o cenário das pesquisas educacionais. Nesse palco, vários atores têm merecido destaque ao longo dos anos: ora a sociedade, ora o aluno carente. Atualmente, o professor tem sido eleito como protagonista dessa tragédia em atos.

É evidente em publicações e eventos específicos da área educacional, a preocupação com a formação, a prática, a avaliação do professor. A formação do professor, como um momento privilegiado para formar um profissional preparado para a mudança da escola e a superação do fracasso escolar, apresenta-se como tema de pesquisa e mesmo de programas de pós-graduação¹.

Nossa preocupação com essas discussões originou-se no Núcleo de Ensino², projeto em parceria com o Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério – Cefam – de Presidente Prudente, que tinha como objetivo principal a melhoria da formação de professores em nível médio, nesse estabelecimento de ensino, através de trabalho coletivo e compartilhado dos professores que ali atuavam.

Apesar do esforço para garantir a participação dos professores (inclusive com bolsas concedidas pela Fapesp), apenas parte do grupo de professores interessava-

se e comprometia-se efetivamente com o projeto coletivo. Destes, apenas alguns professores participavam de forma aberta às mudanças de atitudes, buscando um trabalho de melhor qualidade que se refletisse no bom desempenho profissional do futuro professor que estavam formando.

A vivência nesse projeto, rica em diálogos e aprendizados, revelou as facetas de uma formação profissional, que apesar de nutrir a esperança de transformação da escola, não tem acompanhado o ágil desenvolvimento do espaço, do tempo e das necessidades do trabalho do professor.

Refletir sobre a identidade profissional desses atores – os professores – que fazem parte desse grande espetáculo, e que segundo Esteve (1996), continuam representando papéis como os gregos, com uma retórica toda especial, porém, num cenário *high-tech* com arranha-céus, carros e pessoas que transitam sem sequer se olharem, exige que se discuta como um profissional que em sua história recente tem sido vítima de políticas salariais desastrosas e submetido a condições de trabalho e de formação totalmente inadequadas, pode construir sua identidade profissional.

Além disso, tem se exigido do professor, de forma paradoxal, um compromisso com a autoformação, além da sua formação profissional obtida nos cursos de formação de professores. Paradoxal por que segundo Hargreaves (2004, p. 23), “Os professores cujas vidas profissionais estão sujeitas a um exame excessivo queixam-se de erosão da autonomia, de criatividade perdida, flexibilidade restrita e reduzida capacidade de exercerem o seu julgamento profes-

sional". Como falar em autoformação, em identidade profissional diante dessa "desautorização" da qual é vítima o professor?

O que significa identidade?

O que pode parecer um problema menor, ou seja, a origem etimológica da palavra identidade e a questão conceitual sobre se a **identidade do professor é uma auto-construção ou uma construção coletiva** representa a oportunidade de fazer uma revisão sobre a questão da qual estamos tratando, para ir além da adjetivação ou do uso indiscriminado das palavras.

De origem latina – *identitatem* - a palavra identidade designa, segundo Bueno (1968): "igualdade entre duas coisas, seres ou pessoas".

Essa definição do termo nos permite afirmar que identidade deve ser entendida, preferencialmente, como categoria coletiva, ou seja, algo só identificável em relação a outro que tenha características semelhantes. Para o professor, construir sua identidade depende daquilo que considere como o ideal para a sua profissão.

A identidade do professor corresponde aos seus valores e crenças, os quais considera em relação ao aluno, a escola e a educação.

Como já anunciamos, outra questão, que à primeira vista, pode ser reduzida a pura semântica nos alerta para um olhar mais detalhado: a identidade é do professor ou a identidade está no professor?

A interpretação fiel do termo identidade mais a conjunção "do" remete-nos a esse conceito como algo inato. Ser profes-

sor, e se identificar como tal, pode ser visto como um dom, uma vocação, com um viés um tanto messiânico.

Quando se usa identidade "no" professor o termo passa a ser interpretado como algo que só é produzido fora da pessoa-professor. Qualquer um que passe por uma formação, ou no limite, venha a ser designado docente, pode fazê-lo sem constrangimentos.

Acreditamos que para além da gramática a identidade profissional do professor precisa ser entendida como a combinação de fatores inerentes à pessoa: desejo, vontade, dedicação e fatores externos que otimizam a vontade de ser professor: formação e condições de trabalho adequadas.

Breves comentários sobre identidade profissional de professores

Para discutirmos a identidade profissional dos professores há a necessidade de fazermos uma revisão sobre esse conceito reunindo trabalhos realizados por estudiosos do tema e sua repercussão na formação dos profissionais da educação.

Já apontamos que identidade do professor precisa ser entendida coletivamente, para além da pessoa enquanto condição inata: o docente só pode se compreender na profissão quando inserido em categoria maior, uma categoria profissional.

Para Libâneo (2001) o professor é um profissional cuja especificidade é a arte de ensinar. Para isso, tem em sua formação inicial um momento privilegiado para apreender um conjunto de habilidades, conhe-

cimentos e requisitos que são essenciais para o exercício de sua função. A isso, o autor dá o nome de “profissionalidade” e dessa conquista serão derivadas outras duas etapas de sua formação: a “profissionalização” e o “profissionalismo”.

O autor (2001) nos coloca que a profissionalização refere-se a condições para o bom exercício da docência: formação (inicial e continuada) e condições de trabalho (salário, recursos físicos e materiais) adequadas. Já o profissionalismo refere-se ao desempenho competente do professor no que tange os deveres e responsabilidades que são inerentes a sua profissão, bem como, o seu comportamento ético e político.

Nesse estudo, Libâneo defende que para garantir a profissionalidade docente, o ensino como atividade específica do professor e da escola, a busca por melhor formação e condições de trabalho e pelo retorno do significado social do ser professor deve se dar simultaneamente. Libâneo (2001, p.65) coloca:

Se o professor perde o significado do trabalho tanto para si próprio como para a sociedade ele perde a identidade com a sua profissão. O mal-estar, a frustração, a baixa auto-estima, são algumas consequências que podem resultar dessa perda de identidade profissional.

Portanto, para Libâneo (2001), a construção e o fortalecimento da identidade profissional deve fazer parte do currículo dos cursos de formação continuada e, ainda, fazer parte da formação continuada já que é no contexto do trabalho docente que a identidade do professor se consolida.

Ainda para Libâneo (2001, p. 68), identidade profissional é:

o conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores que definem e orientam a especificidade do trabalho do professor. Sabemos que a profissão de professor vai assumindo determinadas características – isto é – determinada identidade – conforme necessidades educacionais colocadas em cada momento da história e em cada contexto social (PIMENTA apud LIBÂNEO, 2001, p.68)

Para atuar conforme as necessidades históricas contemporâneas, outras competências, além das tradicionais como saber ensinar são colocadas para o professor modificando seu papel. Para acompanhar essa transformação no mundo, no trabalho e na identidade docente o autor sugere a avaliação das competências e saberes necessários para atuação do professor pelos cursos de formação inicial e continuada de professores estreitando a relação entre a qualificação do professor e sua identidade profissional.

Já Pimenta (2000) trata da questão da identidade como algo pertencente à formação do professor, seja ela inicial ou continuada. Formação entendida como um processo dinâmico no qual o professor (ou o futuro professor) esteja consciente das singularidades da atividade docente e possa, a partir do conhecimento acumulado e de suas práticas éticas e políticas, apontar caminhos para que o aluno transite nos desafios colocados atualmente pela sociedade e, mais do que isso, o professor possa ser capaz de problematizar sua prática em contínuo processo de construção de sua identidade.

Para essa autora a identidade do professor é um processo de construção que reflete o contexto e momentos históricos, respondendo, dessa forma, às novas de-

mandas colocadas pela sociedade. A necessidade da construção da identidade docente - através de uma formação problematizadora da prática pedagógica - “é o que conferirá significado à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo (...), do sentido que tem em sua vida o ser professor” (PIMENTA, 2000, p.19). Para que esse processo de construção, historicamente situado, se construa a autora acrescenta que:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias.

Segundo a autora (2000, p. 19), “mobilizar os saberes da experiência” seria então, o passo primeiro para a construção da identidade docente. Isto é, todo aluno de licenciatura já passou por pelo menos dez anos de escolarização. Nesse período, teve contato com diversos professores, com linguagens, posturas éticas, políticas e pedagógicas e relações interpessoais muito particulares. Evidentemente que não se pode abrir mão desses “saberes” na formação dos professores.

O futuro professor provavelmente levará para sua sala de aula traços do trabalho de professores que foram presentes na sua formação humana. É o começo da identificação profissional e apenas isso, não

é suficiente. É preciso pois, mobilizar outros dois saberes: os saberes do conhecimento e os saberes pedagógicos que são, também, fundamentais para a construção da identidade do professor.

Os saberes do conhecimento referem-se aos conhecimentos que cada licenciatura tem por objeto de estudo. Identificar os conhecimentos de cada área das ciências com aqueles que serão usados pelo professor se dá pela certeza de que o conhecimento não se resume em informações, mas, “conhecer significa estar consciente do poder do conhecimento para a produção da vida material, social e existencial da humanidade” (PIMENTA, 2000, p.22).

Os saberes pedagógicos, para além das formas de lidar com o aluno, a motivação e as formas de avaliar o processo ensino-aprendizagem, se referem à reinvenção da prática pedagógica a partir da prática social da educação. Esses saberes colaboram com a prática do professor principalmente se forem requisitados a partir de um problema do cotidiano da sala de aula no qual se busca um suporte teórico (o saber pedagógico seria usado para resolvê-lo).

Considerar a mobilização dos saberes da experiência, dos saberes do conhecimento e dos saberes pedagógicos como fundamental para a formação de professores é para Pimenta (2000) uma forma de valorizar a construção da identidade docente e forma-lo para uma prática reflexiva que faz parte de um projeto maior de formação humana no qual a identidade do professor - assumir-se como tal - é condição para a formação permanente e a melhoria das escolas.

Para Carrolo (1997, p. 23), o número crescente de pesquisas que tem a identidade do professor como objeto de estudo revela a crise da profissão e a busca por uma identidade mostra-se como um comportamento novo e uma forma de superar o "mal-estar" comum na sociedade contemporânea. Parte dessa preocupação com a construção da identidade do docente é derivada da forma técnica como os professores estavam sendo formados deixando à margem "a dimensão reflexiva da socialização profissional, cujo horizonte é o desenvolvimento da identidade profissional do docente".

Prosseguindo em sua análise, o autor afirma que não é simples, em uma pesquisa em ciências humanas, definir identidade e outro complicador é a definição de terminologias, a epistemologia e a operacionalização do termo. Em professores, a dificuldade em se definir sua identidade é ainda mais visível, pois "representam um grupo profissional sobre o qual incidem vários riscos de descaracterização" como: a perda do status e do reconhecimento social, a falta de definição do papel da escola em relação às novas exigências colocadas para o trabalho do professor e a falta de percepção pelos próprios professores da dimensão do seu trabalho e o questionamento do sentido do que faz e como os outros avaliam suas ações.

Outro apontamento realizado pelo autor, e que destacamos, refere-se à visão da identidade como produto da socialização. Para Carrolo (1997 p.27): "o seu mecanismo (da identidade) se assenta na dupla transação que o indivíduo realiza - uma

transação externa do sujeito com o mundo exterior e outra do sujeito consigo mesmo".

É nesse encontro entre a ontogênese do indivíduo e a socialização que se dá a construção da identidade:

A "identidade para si" ou "desejada" tem deste modo subjacente um processo biográfico. E a "identidade para outrem" ou "atribuída" tem subjacente um processo relacional. A articulação entre estas duas faces heterogêneas é a chave do processo da construção da identidade profissional (CARROLO, 1997, p.27).

Analisar a identidade docente em uma perspectiva sociológica significa para Carrolo, (1997, p. 29), "considerar como objetos de estudos privilegiados as origens sociais e as histórias de vida dos professores, a formação e as instituições de formação (...) numa ponderada articulação entre os dois processos identitários, biográfico e relacional".

Teodoro (1998) é outro autor que tem se preocupado como estudo da identidade e da formação docentes. Parte da mesma convicção de Carrolo (1997), de que há a identidade individual - biográfica - e a identidade coletiva-relacional.

Contudo, além dos fatores contemporâneos que geram a crise de identidade do professor e o levam a desenvolver características do "mal-estar docente", Teodoro (1998) enfatiza que não se pode ignorar a história da educação e das escolas nessa análise, isto é, a forma como se institui a democratização das escolas e as formas de organização sindical e de controle da formação docente são fontes de crise e "mal-estar docente". Em Portugal, enquanto espera-se a real democratização da escola,

os professores continuam sendo prestigiados e bem aceitos socialmente, mas apresentam baixa auto-estima:

Esta imagem social da profissão docente não é, todavia, assumida pelos próprios professores, que mostram, enquanto grupo profissional, uma auto-estima bastante baixa, manifestando em finais da década de 80, uma elevada intenção de abandonar a docência (TEODORO, 1998, p.7).

Para Teodoro (1998), o estudo e o entendimento da crise na identidade do professor e na formação de professores pode apoiar-se na história da educação e na compreensão de que a identidade construída por cada geração é feita com base em categorias e posições herdadas da geração anterior, buscando a transformação e a reconstrução dessa identidade.

Sobre esse aspecto, buscamos apoio em Sanches (2004), que afirma que as profundas transformações provocadas pelo neoliberalismo, especialmente a desregulamentação das políticas públicas e a privatização de serviços como educação e saúde, tarefas do tradicional Estado-Nação, repercutiram fortemente no interior da escola, principalmente no que diz respeito à apresentação de novas demandas.

Divulgam-se também *slogans* que simbolizam a apropriação das políticas educativas pelos ditames da economia: sociedade de aprendizagem; devolução da autonomia às escolas pelo Estado; e o alargamento da esfera privada com a devolução das actividades do Estado para as iniciativas privadas (SANCHES, 2004, p. 41).

Este reordenamento sustenta-se num conjunto de idéias como por exemplo, mercado educacional, democracia do consumidor, articulação entre escolarização e

mercado de trabalho, melhores desempenhos nos rankings nacionais e internacionais, racionalidade e redução de custos, etc. Os professores, como atores desse espetáculo, têm sido chamados como se fossem parceiros, para a construção do currículo, gestão da escola e gestão de conflitos sociais que explodem no interior da escola, ao mesmo tempo em que são vítimas do fundamentalismo de mercado que os exclui como diferentes, e uma forma de controle mais perversa ainda do que as formas tradicionais, por que se faz de forma remota: o professor se sabe vigiado e controlado por um olho invisível, tal qual um "big brother".

Diante do exposto, cabe perguntar que atributos configuram a nova identidade profissional do professor. Segundo Sanches (2004), são numerosas e complexas as novas atribuições e competências dos professores, todas elas transcendendo e se acrescentando às funções clássicas centradas na transmissão de saberes em vez de dar lugar à criatividade e inovação. Em outras palavras, para a reconstrução identitária dos professores, tem se exigido que além das suas históricas atribuições profissionais, devem superar e suprir a falência do Estado e da sociedade na solução de problemas sociais em novos contextos de grande complexidade. Problemas relacionados à conduta de crianças e adolescentes, antes restritos ao ambiente familiar, adentraram a escola e dela se espera as soluções.

Como se vê, a conjugação de fatores como o desgaste do modelo tradicional de formação docente (aquele em que se forma normativamente sem se preocupar

com a realidade que encontrará), a crise da representatividade sindical, as novas exigências que se fazem em relação à escola, a transposição de uma lógica de mercado para o interior da escola, reflete-se negativamente na constituição (ou re-constituição) da identidade profissional do professor.

Parece-nos que os professores têm sua identidade fundamentada muito mais nos problemas e dificuldades enfrentados cotidianamente, no cinismo em relação à profissão, na vontade de abandonar a profissão e na resistência a qualquer tipo de mudança do que em atributos como domínio de conteúdos, responsabilidade social, compromisso com as gerações mais jovens, profissionalismo, dentre outros.

Não é impreciso indicar que discutir indisciplina, baixos salários, gestores autoritários e alunos com dificuldades de aprendizagem é o que reúne os professores e os fazem compreender-se como atores encenando uma tragédia ensaiada fora dos muros da escola, na qual a identidade profissional do professor ocupa lugar pouco privilegiado onde não se enxerga o fim do espetáculo. A antiga comunidade de professores, cujo sentido de afinidade, “contribuía para integrar e tornar próximos os professores” (SANCHES, 2004, p.46), deu lugar a uma categoria profissional dispersa incapaz de partilhar os significados da profissão docente.

Da identificação ou (des)identificação do professor com sua profissão

Como iniciamos esse texto falando de cenário e palco, podemos prosseguir nessa linha, afirmando que o ator-professor, para se identificar com seu papel deve levar em consideração o momento e o contexto histórico no qual se desenrola a trama, além dos demais personagens, no caso específico, outros atores-professores, atores-gestores, atores-alunos, atores-familiares. Nesse sentido, é preciso considerar que as práticas sociais dos sujeitos a partir de sua formação escolar e do contexto social em que se dá, a vivência cotidiana na escola, as relações com o produto de seu trabalho e as relações com outros sujeitos envolvidos com a escola desempenham papel fundamental na constituição ou fragmentação da identidade profissional do professor. Assim como todos os sujeitos sociais, a identidade do professor se constrói a partir da conjugação de inúmeros fatores. (SANCHES, 2004)

As novas exigências e condições que se impõem ao professor têm sido fatores decisivos na desagregação da comunidade de professores, no exacerbamento do individualismo profissional e no crescente cinismo em relação ao “ser professor”.

Partindo do pressuposto de que a identidade profissional do professor deve ser assegurada pelo sentimento de pertença a uma comunidade de professores; pelas práticas sociais dos sujeitos e pela articulação das esferas do conhecimento, das normas e valores profissionais e dos sabe-

res pedagógicos, defendemos que a (re)construção da identidade profissional do professor passa necessariamente pela reconstrução das relações dialógicas entre essas esferas, em novas bases, uma vez que assim, como na cantiga de roda, a identidade que o professor tinha era de vidro e se quebrou, o amor que tinha à profissão era pouco e se acabou. *Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar...*

Notas

¹ O Programa de Pós- Graduação da FCT/UNESP– Presidente Prudente tem como área de concentração a formação de professores.

² Projeto de pesquisa e extensão intitulado “Formação de professores das séries iniciais do Ensino Fundamental no Cefam de Presidente Prudente”, do Departamento de Educação (FCT/UNESP) em parceria com o Cefam e financiamento da Fapesp (através do Projeto Melhoria do Ensino Público) e da Fundunesp encerrado em dezembro de 2001 coordenado pela Professora Dr^a Yoshie Ussami Ferrari Leite.

Referências

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1968.

CARROLO, Carlos. Formação e identidade profissional dos professores. In: ESTRELA, Maria Teresa (org). *Viver e construir a profissão*. Porto: Porto Editora, 1997. p.22-50

ESTEVE, José Manuel. *O mal-estar docente – a sala de aula e a saúde dos professores*. Bauru: Edusc, 1996.

LIBÃNEO, José Carlos. O professor e a construção da sua identidade profissional. In: LIBÃNEO, José Carlos. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Alternativa, 2001. p. 62-71.

LOPES, Amélia. *Libertar o desejo, resgatar a inovação: A construção de identidades profissionais docentes*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (org). *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 2000. p.15-34.

SANCHES, Maria de Fátima Chorão. (Re)construção emancipatória da identidade dos professores na era da globalização e da sociedade do conhecimento: que possibilidades? In: ADÃO, Aurea & MARTINS, Édio (org.). *Os professores: identidades reconstruídas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/Edições Universitárias Lusófonas, 2004. p. 37 - 54

TEODORO, Antonio. Crise de identidade nos papéis e na formação de professores. Quatro tópicos a partir de uma leitura sociológica. *3º Encontro Ibérico e História da Educação - Braga*: Junho de 1998, p.1-8. Disponível em <http://www.ulusofona.pt/>. Acesso em 30 julho de 2003.

TEXTO CONSULTADO

HARGREAVES, Andy. Ser professor na era da insegurança. In: ADÃO, Aurea & MARTINS, Édio (Orgs.). *Os professores: identidades reconstruídas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2004, p. 13 - 36.

Recebido em 04 de agosto de 2004.

Aprovado para publicação em 17 de setembro de 2004.